

CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
INTERNACIONAL
1990

Orquestra Filarmônica de Moscou

16/04 (Série Branca) - 18/04 (Série Azul)

Anne Sophie Mutter

14/05 (Série Branca) - 15/05 (Série Azul)

Orquestra de Câmara Ferenc Liszt

11/06 (Série Branca) - 12/06 (Série Azul)

Alicia de Larrocha

06/08 (Série Branca) - 07/08 (Série Azul)

Orquestra de Câmara de Viena

20/08 (Série Branca) - 21/08 (Série Azul)

Tokyo String Quartet

30/08 (Série Branca) - 31/08 (Série Azul)

Orquestra Nacional do Capitole de Toulouse

24/09 (Série Branca) - 25/09 (Série Azul)

A background of a musical score with staves and notes, rendered in a light, halftone-like pattern. The title 'CADA CAPO' is superimposed in large, bold, black letters.

CADA CAPO

**A gente quer que os bons momentos
voltem sempre ao começo.**

**Orquestra Franz Liszt
da Hungria**

São Paulo – junho de 1990

SABÓ

Tecnologia da Perfeição

CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
INTERNACIONAL
1990

Orquestra de Câmara

Ferenc Liszt

de Budapeste

sob a direção de János Rolla

eldorado  FM 92.9

Smimoff
CLASSICS



Orquestra de Câmara
Ferenc Liszt
de Budapeste

A Orquestra de Câmara Ferenc Liszt deve seu nome ao grande compositor húngaro, que sempre fez questão de assumir orgulhosamente sua nacionalidade. Apesar de nunca ter escrito peças para cordas, Liszt foi assim homenageado pela profundidade com que sua obra marcou a música ocidental.

A Orquestra de Câmara Ferenc Liszt desempenha um papel de primeira grandeza na vida musical húngara. A cada ano, realiza cerca de trinta concertos, em Budapeste e por todo o território da Hungria. Seu repertório abarca quase toda a história da música, indo de Monteverdi, Bach, Vivaldi e Mozart aos compositores românticos e contemporâneos.

Gravações em disco e radiofônicas testemunham seu alto nível artístico, com mais de cem lançamentos para selos do mundo todo, três dos quais obtiveram o 'Grand Prix de L'Académie du Disque de Paris', enquanto outras duas foram consideradas o 'Disco do Ano' na Hungria.

A Orquestra realiza regularmente tournées em praticamente todos os países da Europa. A primeira apresentação fora do continente europeu, coroada de sucesso, teve lugar em 1975. Desde então, foram aplaudidos em mais de 200 cidades nos EUA e Canadá. Em 1979 estrearam no Japão, com dois concertos em Tóquio e um em Yokohama.

Em gravações e apresentações ao vivo, a Orquestra teve a oportunidade de colaborar com solistas de reputação mundial, onde se destacam M. André, M. Argerich, P. Fournier, H. Holliger, I. Oistrach, J.P. Rampal, M. Rostropovich e N. Zabaleta. A Orquestra é composta de 16 instrumentos de cordas e um cravo solista, e originalmente contava com a direção artística de Frigyes Sandor. Após seu falecimento, em 1979, o cargo passou para János Rolla, um de seus membros fundadores, reconhecido como um dos melhores violinistas de seu país e solista de numerosas peças realizadas pela Orquestra.

CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
INTERNACIONAL
1990

2.ª feira, 11 de junho às 21 horas 1207

W.A. Mozart (1756-1791)

Serenata Noturna K. 239

Marcia
Menuetto
Rondeau

W.A. Mozart (1756-1791)

Divertimento em Si bemol maior, K. 137

Andante
Allegro di Molto
Allegro assai

L. van Beethoven (1770-1827)

Grande Fuga em Si bemol, Op. 133

Intervalo

B. Bartok (1881-1945)

Duos de Violinos (Seleção dos "44 duos" para dois grupos de violinos)

N.º 44 — Transylvanian
N.º 19 — Fairy Tale
N.º 16 — Burlesque
N.º 22 — Mosquito Dance
N.º 32 — Dancing Song
N.º 28 — Sorrow
N.º 43 — Pizzicato
N.º 36 — Bagpipe
N.º 21 — New Year's Song
N.º 42 — Arabian Melody

B. Bartok (1881-1945)

Divertimento para cordas

Allegro non troppo
Molto adagio
Allegro assai

3.ª feira, 12 de junho às 21 horas 1208

F. Mendelssohn (1809-1847)

Sinfonia n.º 10 em Si menor

Adagio — Allegro

A. Dvorák (1841-1904)

Serenata em Mi maior, Op. 22

Moderato
Tempo di Valse
Scherzo
Larghetto
Finale

Intervalo

F. Schubert (1797-1828)

"A Morte e a Donzela"

Quarteto de cordas em Re menor, D. 810

Orquestração de Gustav Mahler

Allegro
Andante
Scherzo (Allegro molto)
Presto

Não é permitido gravar ou fotografar na sala de espetáculos

Próximas apresentações:
ALICIA DE LARROCHA
Piano
6 e 8 de agosto.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)
Divertimento para cordas em si bemol maior, K. 137
Serenata (n.º 6) em ré maior, K. 239
("Serenata Notturna")

Possivelmente o gênio mais naturalmente musical de toda a História da Música do Ocidente, Mozart explorou a sua criatividade em múltiplas situações composicionais. É muito difícil encontrar gêneros ou formas disponíveis em sua época que não tenham sido abordados por ele, que se sentia inteiramente à vontade fosse diante de uma partitura destinada à igreja, fosse diante de danças pensadas para bailes aristocráticos ou populares. Deixou-nos enorme quantidade de música de entretenimento, escrita para fins variados, sempre associados a festas, comemorações. Em uma época na qual certas formas aparentadas como as da serenata, da cassation e do divertimento eram moeda corrente, Mozart fez uso delas com o mesmo empenho que abordava outras consideradas mais nobres, como as da sinfonia, do concerto e da ópera. O lado mais imediatamente risonho e sedutor de Mozart encontra-se, por exemplo, no Divertimento K. 137, escrito em Salzburgo, durante o primeiro trimestre de 1772, quando ele tinha 16 anos. O mesmo espírito, aliado ao gosto de experimentar efeitos sonoros com duas orquestras, também está presente na "Serenata Notturna" K. 239, de estilo a um só tempo refinado e humorado.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)
Grande Fuga em si bemol maior, Op. 133

O Beethoven das obras derradeiras é sobretudo um artista da experimentação. Tanto a Nona Sinfonia quanto suas últimas obras para piano e quarteto de cordas denotam essa vontade de experimentar, de descobrir novos espaços expressivos. Com frequência, o músico foi buscar no passado certos arquétipos, a fim de transfigurá-los, construindo sobre eles universos de significação inédita. Esse foi o caso da fuga, da qual ele disse: "Não há arte em fazer uma fuga; fiz dúzias delas nos meus tempos de estudante. Mas a imaginação também reclama os seus direitos e, hoje, é preciso que um outro espírito, verdadeiramente poético, tome conta da forma antiga". A Grande Fuga em si bemol maior foi esboçada em 1824 e terminada no ano seguinte. De início, integrava o Quarteto n.º 13, Op. 130, mas acabou por ser publicada em separado, ganhando vida independente. Ela se articula sobre dois sujeitos principais tratados em uma série de variações. A obra é unificada por um tema principal — o contra-sujeito da primeira fuga, que é utilizado como sujeito da segunda fuga — e a obra como um todo vive das estonteantes alianças de rigor e de improviso.

Béla Bartok (1881-1945)
44 Duos para violinos Sz. 98 (uma seleção)
Divertimento para cordas Sz. 113

Béla Bartok é colocado, com justiça, entre as figuras dominantes da música da primeira metade do século XX. Artista desde sempre apaixonado pelas manifestações folclóricas, estudou sistematicamente a música popular de seu país, a Hungria, e também a de vários outros países, inclusive extra-europeus. Esse enorme material que ele jamais encarou como algo meramente exótico, forneceu-lhe certas bases que empregou em suas próprias composições. E, assim, ele se tornou um dos raros músicos modernos a conseguir elaborar partituras originais e densamente informativas partindo de arquétipos folclóricos — em suas operações transfiguradoras, chegou a uma linguagem de alcance universal. Os seus 44 Duos para violinos foram pensados, originalmente, como peças destinadas aos estudantes. As miniaturas, distribuídas em quatro volumes datados de 1931, colocam o aluno, segundo Bartok, em contato com "a simplicidade natural da música do povo, assim como com suas particularidades melódicas e rítmicas". O Divertimento para orquestra de cordas foi escrito em duas semanas, no verão de 1939, pouco antes do compositor partir para o exílio, nos Estados Unidos. Segundo suas próprias palavras, a obra refletia "ainda um instante de felicidade". O Allegro inicial, em forma-sonata, possui a vivacidade das danças de caráter popular; o Adagio que vem em seguida, de atmosfera fúnebre, organiza-se a partir de uma série de motivos cromáticos: no Allegro final, um rondó, o clima vivido do início é novamente trazido à tona.

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847)
Sinfonia para Cordas n.º 10, em si menor

Mendelssohn foi um artista de formação clássica, grande admirador de Mozart, Haydn e Beethoven, além de Bach, que esteve entre os primeiros a escrever obras com certas características românticas. Menino-prodígio, recebeu educação refinada, adquiriu cultura enciclopédica e comportamento aristocrático. Teve a serviço do seu talento a enorme fortuna do pai, um próspero banqueiro de Berlim. Um de seus principais professores foi Carl Zelter, o conselheiro musical de Goethe e aquele que seria um dos primeiros novecentistas a revalorizar a obra de J.S. Bach. Como exercício para esse professor, o jovem Mendelssohn escreveu, entre 1821 e 1823, treze sinfonias para cordas. Essas obras, que representam uma fase vital no desenvolvimento técnico do artista, foram ouvidas em sua própria casa, graças à orquestra que o pai, semanalmente, colocava à sua disposição. Depois caíram no esquecimento, só voltando ao repertório a partir de 1960. A décima delas, em si menor, possui um único movimento, em forma-sonata. Abre-se com uma introdução lenta que se liga a um allegro bem estruturado. Durante o desenvolvimento, nota-se que o material aí empregado é o proveniente dos compassos finais da exposição. E é sobre ele que o artista de 14 anos elabora uma coda cheia de animação.

Antonin Dvorak (1841-1904)

Serenata para cordas em mi maior, op. 22

Dentro do período romântico, freqüentemente habitado por seres apaixonados e entregues às mais sombrias visões, a figura de Dvorak se destaca como uma exceção: ele foi o criador de uma obra ensolarada e otimista, proveniente de uma alma que aparentava estar em paz com tudo e todos. Talvez por isso, foi logo apelidado de o Brahms meridional. Influenciado inicialmente pelos clássicos — Mozart, Beethoven e Schubert foram seus primeiros modelos —, descobriu a música checa através de Smetana para, depois, esmerilhar a forma através do contato amigável com Brahms, que o protegeu. Liszt e Wagner também deixaram alguns traços em sua produção que, contudo, jamais fugiu dos arquétipos tradicionais. Em sua linguagem, a estilização do material folclórico concretiza-se no emprego cuidadoso das formas clássicas, coroadas por uma inesgotável veia melódica. Sua Serenata para cordas data de 1875 e tornou-se popular desde a primeira audição, possivelmente graças ao frescor da invenção e ao equilíbrio clássico da sua arquitetura. Seus cinco movimentos relativamente curtos são ligados entre si não apenas pelo procedimento cíclico como também pela atmosfera de leveza e de elegância expressiva.

Franz Schubert (1797-1828)

Quarteto de cordas n.º 14 em ré menor, "A Morte e a Donzela", D. 810

Dos artistas que hoje consideramos efetivamente grandes, Schubert foi um dos menos reconhecidos em seu próprio tempo. Fora do seu círculo de amigos fervorosos, era pouco mais que um simples desconhecido em Viena, onde passou quase todos os 31 anos da sua curta existência. Seu gênio fulgurante só seria percebido de fato depois de sua morte. Na extensa produção camerística que Schubert nos legou não há espaço para virtuosismo, mas para a solidariedade entre as partes colocadas a tocar, como que em uma reunião de família. Os arquétipos que emprega aí são os que recebera da grande tríade clássica — Haydn-Mozart-Beethoven — que reverenciava com imaginação. Conseguiu ser original nesse domínio graças à riqueza da invenção melódica e ao tratamento dado à harmonia, que em suas mãos se tornou sempre um percurso repleto de surpresas. O Quarteto "A Morte e a Donzela", de 1824, é o penúltimo da série de 15 quartetos que deixou. A rítmica ágil e o tom apaixonado do primeiro movimento, as belas variações sobre a canção que dá nome à obra do segundo, o clima selvagem do Scherzo e a "dança macabra" do finale fizeram da partitura uma das mais populares do autor. Gustav Mahler (1860-1911) transcreve o quarteto para orquestra de cordas, efetuando discretas modificações no original. (A mais evidente delas foi a incorporação à obra do naipe dos contrabaixos). Mahler era de opinião de que para fazer uma obra de câmara perfeitamente compreensível às grandes platéias das enormes salas de concerto do final do século passado, era preciso dar a ela uma nova configuração acústica.

Notas de programa:
J. Jota de Moraes

CULTURA ARTÍSTICA

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

Air France
Associação Alumni
Association Française d'Action Artistique
Banco Nacional S.A.
Banco Safra S.A.
Banco Sogeral S.A.
CCE — Audio/Vídeo/Informática
Fundação Japão
Metal Leve
Rádio Eldorado
S.A. Indústrias Votorantim
Security Pacific National Bank
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
Solvay — Ind. Químicas Eletro Cloro S.A.
The British Council
Unibanco
USIS
VITAE

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em veicular o nome de sua empresa em toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.0223
Bilheteria 258.3616

Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal

SO SUPERIOR YOU CAN TASTE IT.

SMIRNOFF

Bons amigos merecem Smirnoff.